

# SUBSÍDIOS PARA A COMPREENSÃO DO GÊNERO RESENHA\*

*Support for an understanding  
of the genre ‘review’*

Siderlene Muniz-Oliveira\*\*

## INTRODUÇÃO

Ao tentar definir o gênero resenha, percebemos que há uma dificuldade para identificá-lo e classificá-lo. Assim, neste artigo, buscamos, primeiramente, discutir essa problemática da definição e da classificação do gênero resenha para a comunidade acadêmica, apoiando-nos na discussão mais geral sobre os gêneros. Em seguida, faremos um estudo não só sobre pesquisas que nos dão elementos para uma melhor compreensão do gênero resenha, como também sobre pesquisas específicas sobre resenhas.

## COMPREENDENDO O GÊNERO RESENHA

Na tentativa de identificar/classificar o gênero resenha, observamos que há vários rótulos usados pela comunidade acadêmica para os

\* Adaptação do capítulo 1 da Dissertação de Mestrado “Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas e a interpretação do agir verbal”, de Siderlene Muniz Oliveira, defendida em 2004 pelo LAEL-PUC/SP sob a orientação da Profª Drª Anna Rachel Machado.

\*\* Mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL/PUC-SP. Integrante do grupo de pesquisa ALTER (Análise de Linguagem e Trabalho Educacional) do LAEL/PUC-SP, coordenado pela Profª Drª Anna Rachel Machado.

gêneros que apresentam como uma das características relatar o discurso do outro, como *resumo*, *resenha*, *resenha crítica*, *recensão*, *notas bibliográficas*. Por exemplo, o termo *resumo* é utilizado em cadernos de congressos ou revistas especializadas para textos produzidos pelo autor do texto publicado pela revista, com o objetivo de dar à comunidade científica em questão as informações que permitam ao destinatário decidir se vai ou não ouvir a comunicação. Do mesmo modo, há publicações que usam o termo *sinopse* para os textos que trazem informações sucintas sobre filmes, textos estes que não são produzidos pelo autor do filme. Podemos dizer que o uso corrente do termo *resumo* nas publicações científicas abrange textos equivalentes ao que o dicionário Aurélio designa *sinopse*, que é definida como a apresentação concisa do conteúdo de um artigo redigido pelo autor ou pelo redator da revista na qual é publicado o trabalho. Por sua vez, analisando a revista DELTA, vemos que nela aparecem mais três rótulos: *resenha*, *nota bibliográfica* ou *notas sobre livros*, que parecem corresponder a uma única espécie de texto, produzido por um emissor-enunciador diferente do autor do texto original.

Além desses rótulos empregados, há também os rótulos *resenha* e *resenha crítica*. Alguns autores consideram a *resenha* como “síntese ou relato de uma obra” e a resenha crítica como “síntese ou relato, acrescentando o julgamento de valor da obra” (SEVERINO, 2003; MEDEIROS, 1991; FIORIN; SAVIOLI, 1990).

Severino (2003), por exemplo, classifica a resenha em:

- informativa: quando apenas o resenhador expõe o conteúdo do texto;
- crítica: quando se manifesta sobre o valor e o alcance do texto a ser analisado;
- crítica-informativa: quando o resenhador expõe o conteúdo e tece comentários sobre o texto a ser analisado.

Por sua vez, Medeiros (1991), citando Fiorin e Savioli (1990), afirma que esses autores dividem a resenha em *descritiva* e *crítica*. Na resenha descritiva, o que se ressaltaria é a estrutura da obra (parte, capítulos, estrutura, índices). Já na resenha crítica, seriam acrescentados comentários e julgamento de valor do resenhador. Percebemos que há convergência em relação à definição de resenha e de resenha crítica entre Severino (2003) e Fiorin e Savioli (1990), sendo a resenha um gênero mais descritivo e a resenha crítica descritiva e avaliativa.

Em relação a Medeiros (1991), o que percebemos é que há uma confusão ao definir *resenha* e *resenha crítica*. O autor, no capítulo 7, denominado *Resenha*, destina a primeira seção à resenha e a segunda à resenha

crítica. Contudo, o autor apresenta uma mesma definição para resenha e para resenha crítica. Notamos, nesse autor, que não há clareza para a definição de resenha e de resenha crítica, parecendo se tratar do mesmo gênero.

Acreditamos que a existência de rótulos variados está relacionada à nomeação que é dada a um gênero pela sociedade, que nem sempre é sistemática e homogênea. Por exemplo, podemos encontrar um mesmo gênero com nomes diversos, um mesmo nome para gêneros diferentes, gêneros novos para os quais não há um nome estabelecido etc. Assim, a identificação dos gêneros apenas pelos nomes que lhes são socialmente atribuídos é problemática, não é transparente e não está aí pronta ou dada de forma indubitável ao analista ou ao professor (MACHADO, 2002).

Para Bronckart (1997), os critérios de classificação dos gêneros podem ser referentes ao tipo de atividade humana implicada (ex.: gênero científico), ao efeito comunicativo visado (ex.: gênero poético), ao tamanho e/ou natureza do suporte utilizado (ex.: romance, artigo de jornal), ao conteúdo temático abordado (ex.: romance policial). Além de existirem diversos critérios para a classificação dos gêneros, eles estão em perpétuo movimento, podendo desaparecer, reaparecer, modificar; tudo isso ligado ao caráter fundamentalmente histórico das produções textuais (BRONCKART, 1997/2003).

Podemos citar, como exemplo da dificuldade em classificar os gêneros, a pesquisa de Machado (2002) sobre a dificuldade em nomear/classificar o resumo. Ao fazer um levantamento das ocorrências de resumo na mídia digital, a autora percebe que há uma diversidade muito grande de textos que circulam com o nome de resumos. No meio impresso, percebeu-se que há uma grande quantidade de textos ou de textos pertencentes a diferentes gêneros, cuja produção implica o processo de sumarização – que será discutido na próxima seção. Para a autora, não há consenso no meio acadêmico para a definição/identificação e classificação para o gênero resumo por haver uma confusão terminológica entre processo de redução semântica ou sumarização desenvolvido durante a leitura e os textos produzidos como resumos.

Segundo a autora, que utiliza aportes do ISD (Interacionismo sócio-discursivo) (BRONCKART, 1997; DOLZ; SCHNEUWLY, 1998) e de Bakthin (1979/2000), a identificação dos gêneros apenas pelos nomes que lhes são atribuídos é problemática, não é transparente, não é dada de forma indubitável ao analista ou professor. Diante dessa nebulosa, não é difícil compreender por que não há consenso em relação aos rótulos empregados para designar diversos gêneros, o que está ligado tanto à complexidade de se classificar os gêneros em virtude de seu caráter fluido, mutável historicamente, quan-

to à possibilidade de serem aplicados diferentes critérios para sua definição e classificação.

Diante dessa complexidade para a classificação e definição de diferentes gêneros, para compreender o *gênero resenha acadêmica*, apresentamos, a seguir, uma síntese de pesquisas já realizadas tanto sobre o gênero resenha acadêmica quanto sobre outros estudos que possam nos fornecer elementos para definição/classificação desse gênero. É o que faremos na próxima seção.

### A METATEXTUALIDADE E O GÊNERO RESENHA

De acordo com Bakthin (1929/1997), a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação. Para o autor, o diálogo, no sentido estrito do termo, constitui uma das formas mais importantes da interação verbal. Mas, no sentido amplo, pode-se compreender que toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja, é dialógica. Segundo essa concepção dialógica, encontramos em uma enunciação as vozes dos diferentes papéis desempenhados pelos participantes em um discurso. Assim, o discurso é constituído de modo polifônico, em um jogo de várias vozes que se cruzam, em complementação ou em contradição.

Desse modo, todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior, e desse exterior fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o pré-determinam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe (KOCH, 1997).

Nessa concepção, a intertextualidade é condição de existência do próprio discurso e, assim, todo texto tem relações dialógicas e intertextuais com outro texto. Koch (1997), ao estudar esse fenômeno, estabelece uma diferença entre a intertextualidade explícita e a intertextualidade implícita. Para a autora, a intertextualidade é explícita quando há citação da fonte do intertexto, como acontece no discurso relatado, nas citações e referências, nos resumos, em resenhas e em traduções. Já a intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la para construir o sentido do texto.

É diante da nebulosa da intertextualidade que Genette (1981) estabelece uma classificação para essa intertextualidade, renomeando-a com o termo *transtextualidade*, definida como toda relação, explícita ou implícita, que um texto mantém com outro. Assim, o autor divide a transtextualidade em cinco tipos:

- 1) Intertextualidade: quando há a presença efetiva de um texto em outro, como na citação, plágio, alusão, que pode ocorrer com marcas mais explícitas e menos explícitas.
- 2) Paratextualidade: relação de um texto aos elementos que estão a sua volta, como o título, o subtítulo, o prefácio de um livro, a epígrafe de texto ou livro, a ilustração, os comentários marginais.
- 3) Metatextualidade: corresponde à relação de comentário de um texto sobre outro, relação essa que pode não ser feita necessariamente por meio da citação de fragmentos do texto comentado.
- 4) Arquitextualidade: muito mais abstrata, que coloca um texto em relação com as diferentes formas às quais ele pertence. Por exemplo, a relação do poema com a classe dos sonetos.
- 5) Hipertextualidade: a relação que liga um texto a outro texto, como a paródia.

Partindo dessa classificação, podemos dizer que a resenha se configura como um *metatexto*, já que é um gênero que tem como função comentar outro texto. Ao buscar pesquisas que nos possam dar subsídios para a compreensão dos metatextos, encontramos algumas sobre resumos, dentre as quais salientamos, em primeiro lugar, a de Machado (2002), já comentada anteriormente, que tenta compreender a dificuldade para definir e classificar o resumo.

Como vimos, para a autora não há consenso no meio acadêmico para nomear o resumo por haver uma confusão terminológica entre processo de redução semântica ou summarização desenvolvido durante a leitura e os textos produzidos como resumos. Segundo a autora, o processo de summarização é condição fundamental para a mobilização de conteúdos pertinentes para a produção de textos pertencentes a diferentes gêneros, como resenhas, contracapas e reportagens. Para Machado (2002), em alguns desses gêneros, como na resenha, o resumo parcial ou integral de textos constitui parte de seu plano global.

Para explicar o processo de redução semântica ou summarização, a autora postula que, durante o processo normal de leitura com compreensão, ocorreria um processo de summarização por meio do qual o leitor construiria uma espécie de resumo mental do texto, retendo informações básicas e eliminando as acessórias. Nessa abordagem, os leitores utilizariam regras para selecionar os conteúdos relevantes do texto, com o apagamento de informações desnecessárias. A essas regras, que passaram a ser tratadas

como estratégias, foi atribuído um caráter flexível e não rígido e homogêneo, levando-se em conta que sua aplicação estaria condicionada ao objetivo da leitura, ao conjunto de conhecimentos prévios do leitor, ao tipo de situação em que se processa a leitura, enfim, a uma série de fatores contextuais. Assim, admitiu-se que práticas que se voltassem para o ensino e consequente interiorização dessas regras/estratégias possibilitariam o desenvolvimento da compreensão da leitura e da capacidade de produção de resumos.

Contudo, ainda não se levava em consideração a questão do gênero em relação 1) ao processo de sumarização; 2) ao texto que era resumido; 3) aos resumos produzidos. Assim, para a autora, é fundamental rever esse posicionamento com base na noção de gênero para uma melhor compreensão do processo de sumarização e para a produção de resumo para a realização de um trabalho didático eficaz (MACHADO, 2002).

Para a autora, a produção de resumos como parte de outro texto é orientada pelas representações<sup>1</sup> sobre o contexto de produção do texto em que está inserido, portanto, sobre os destinatários, a instituição social, os objetivos típicos do gênero a que pertence.

Desse modo, considerando que a resenha tem uma parte de resumo, acreditamos que o processo de sumarização para a resenha deva estar relacionado à situação concreta de comunicação, o que implica para seu enfoque didático a especificação clara dessa situação. Ou seja, pode-se trabalhar com as chamadas estratégias de redução semântica, mas como parte de um processo de sumarização, que é contextualizada, levando-se em conta o contexto sociocultural mais amplo em que o texto é produzido, o papel social do produtor, do destinatário, a instituição social em que o texto circula, os objetivos, o conhecimento suficiente sobre o tema abordado.

Esses diferentes conhecimentos interagem com as informações que vêm do texto resumido, com a representação que o leitor tem do contexto de

<sup>1</sup> “Haja vista a complexidade do termo representação, necessário se faz conceituá-lo. Por um lado, todas as espécies vivas e não humanas mostram capacidades de representação: dispõem de “impressões” (*huellas*) internas mais ou menos estáveis e organizadas, que se derivam das modalidades de interação comportamentais com o meio. Estas “impressões” (*huellas*) internas permanecem, no entanto, individuais e a princípio idiossincráticas, porque estas espécies não dispõem de sistemas de intercâmbio de representações, que permitiriam elaborá-las, regulá-las e controlá-las coletivamente. Por outro lado, no caso dos humanos, as capacidades de representação, que são também ao mesmo tempo produtos e organizadores das interações, adotam a forma de um mecanismo de pensamento operatório, acessível, ao mesmo tempo, ou consciente, e que originam para atribuição de significados. A emergência, nos humanos, de um sistema de intercâmbio de representações (a língua) permite que os seres humanos se organizem em mundos coletivos de conhecimento, transmitidos de geração em geração” (BRONCKART, 2002, *tradução do espanhol nossa*). Para mais esclarecimentos sobre representações ver MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

produção desse texto, com a própria leitura, permitindo a interpretação e seleção das informações que lhe parecerem mais pertinentes para a produção de outro texto.

Podemos compreender melhor como se configuram textos que mantêm uma relação de metatextualidade com outro texto, como a resenha, que é constituída por uma parte de resumo, sendo o processo de redução de informação ou sumarização fundamental para esses textos. Para uma melhor compreensão do gênero resenha, fomos em busca de pesquisas específicas sobre esse gênero que possam contribuir para a definição do objeto a ser investigado

#### PESQUISAS ESPECÍFICAS SOBRE O GÊNERO RESENHA

A primeira pesquisa é de Motta-Roth (1995), que, em sua tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, estuda a organização retórica em 60 resenhas acadêmicas produzidas por especialistas de três diferentes culturas disciplinares – a saber, lingüística, química e economia –, todas escritas em inglês e publicadas em periódicos científicos internacionais das respectivas áreas. Segundo Motta-Roth (1998), as resenhas acadêmicas são produzidas por especialistas de uma determinada área e são publicadas em revistas consagradas, tendo como função social tornar conhecido um livro recentemente publicado, a partir do julgamento de valor da obra. Segundo a autora, a avaliação do resenhador é uma crítica interpretativa consoante com as discussões atuais na área e é destinada tanto a pesquisadores iniciantes como a pesquisadores experientes que fazem parte da área disciplinar.

A autora utiliza em sua pesquisa aportes do modelo de Análise de Gênero de Swales (apud SWALES, 1990; apud MOTTA-ROTH), que considera os gêneros como eventos discursivos dependentes da comunidade discursiva, sendo constituídos de *moves* (unidades maiores) e *steps* (subunidades dos *moves*), que são “materializados” por expressões ou itens lexicais importantes para direcionar e orientar os leitores, indicando que ato retórico está sendo realizado. Em sua pesquisa, a autora apresenta, como resultado do *corpus*, uma descrição esquemática do padrão organizacional das resenhas acadêmicas que comprehende unidades maiores – bloco de texto que realiza uma função comunicativa específica – e unidades menores – que podem ser consideradas como as subfunções das unidades maiores. Assim, teríamos como unidades maiores: 1) introduzir o livro na área; 2) sumarizar o livro; 3) destacar partes do livro; 4) prover avaliação final do livro.

Interessante observar que Motta-Roth (1997), ao comparar as resenhas de lingüística, economia e química, estuda o componente de variabilidade das resenhas de química, economia e lingüística, observando o modo como o resenhador avalia em cada disciplina. Segundo a autora, essas variações estão ligadas tanto ao conteúdo proposicional (tipo de elemento enfocado na avaliação do livro em cada área) quanto à estrutura textual propriamente dita.

Ao estudar os termos avaliativos de elogio e de crítica, a autora observa que, nas resenhas de lingüística, os resenhadores demonstram grande preocupação com discursos sobre o estatuto do conhecimento e com o tratamento claro e detalhado dos tópicos. Por sua vez, nas resenhas de economia, para um livro receber uma recomendação positiva, é necessário ser persuasivo e, quando um livro não é recomendado, os resenhadores o definem como não convincentes. Em química, a qualidade positiva está relacionada a uma abundância de informação. A amplitude e o imediatismo no acesso à informação parecem estar relacionados à rapidez com que a química se desdobra em novos tópicos ou subáreas (MOTTA-ROTH, 1997).

Segundo a autora, essas variações têm relação com os modos característicos de argumentação nas disciplinas, em função da cultura disciplinar específica de cada área. Para a autora, a diferença no uso dos termos de elogio e crítica em lingüística, economia e química sugere uma diversificação no modo de produzir conhecimento.

A segunda pesquisa é de Bezerra (2001), que, em sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Ceará, analisa os traços descritivos da organização retórica de 30 resenhas produzidas por alunos de graduação do curso de Teologia em situação acadêmica real, como exigência das disciplinas do curso, comparando-as com 30 resenhas de livros produzidas por especialistas e publicadas numa revista consagrada da área de Teologia. O autor também toma como base o modelo de gênero desenvolvido por Swales (1990), com as adaptações propostas por Motta-Roth (1995) e Araújo (1996), centrando na questão do propósito comunicativo e na noção de subgênero. Bezerra (2001) chega à seguinte descrição das unidades maiores para as resenhas produzidas por especialistas: 1) introduzir a obra; 2) sumarizar a obra; 3) criticar a obra; 4) concluir a análise da obra. Para cada uma dessas unidades, haveria também diversas subunidades que podem ser opcionais. Exemplos de subunidade: *definir o tópico geral*, que pertence à unidade *introduzir a obra*; *descrever a organização da obra*, que pertence à unidade *sumarizar a obra*.

Em sua pesquisa, os dados revelam que a produção do gênero resenha admite considerável flexibilidade e maleabilidade, ligadas à grande variedade de escolhas que os escritores fazem no que diz respeito à disposi-

ção das subunidades. Assim, percebeu-se que as resenhas de especialistas caracterizam-se por uma estrutura mais complexa em relação às resenhas produzidas pelos alunos. Além disso, Bezerra (2001) observou que há diferenças no que se refere ao procedimento de avaliação final do livro, o que é decorrente dos diferentes propósitos comunicativos em relação às resenhas produzidas por alunos e resenhas produzidas por especialistas.

Para o autor, “entende-se que a avaliação, mais que a descrição, é o traço característico, definidor da identidade das resenhas como um gênero acadêmico específico”, pois mesmo na apresentação e/ou discussão do conteúdo, a atitude do resenhador é revelada (BEZERRA, 2001, p. 80). O autor afirma ainda que a presença de estratégias avaliativas na resenha é precisamente o fator central para diferenciá-las de outros gêneros acadêmicos, como o resumo.

A terceira pesquisa que encontramos sobre resenha é de Araújo (1996), que, em sua tese doutorado, também defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, analisa um *corpus* de 80 resenhas de livros, em inglês, produzidas por especialistas na área de lingüística, estudando alguns termos que explicitam a coesão lexical (conexão frástica e interfrástica). Para essa análise, a autora utiliza pressupostos da teoria de orações relacionais que consideram que os sentidos de um texto são estabelecidos a partir de relações semânticas entre dois períodos ou a partir de um grupo de períodos, precedentes ou subseqüentes, no mesmo texto. A autora revela, a partir da análise de substantivos, a importância desses termos não só para a articulação do texto, mas também para a avaliação da obra resenhada.

Araújo (1997) define

resenhas críticas acadêmicas como um tipo de gênero discursivo que tem um objetivo claro e definido: descrever e avaliar o conteúdo do livro apreciado. A avaliação é a principal característica desses textos que culmina com a recomendação, ou não, do livro apreciado a um determinado leitor, por parte do resenhador da obra.

Por sua vez, Machado (no prelo), que também realiza um estudo sobre o gênero resenha, define a resenha crítica acadêmica como uma ação de linguagem<sup>2</sup> que se materializa em um texto a ser publicado em uma revista especializada de uma área, que circula numa instituição acadêmica, tendo como destinatários receptores ausentes, que também estão no papel

<sup>2</sup> A ação de linguagem pode ser vista como um conjunto de operações que envolve a linguagem (BRONCKART, 1997).

social de especialistas da mesma área. O objetivo do resenhador é tornar conhecida uma obra recém-lançada por outro especialista e convencer os destinatários sobre a validade de seu posicionamento (na maioria das vezes, positivo) em relação à referida obra.

Para a autora, a ação de resenhar está relacionada a uma atividade de leitura, de interpretação e de sumarização prévias, uma vez que devem ser mobilizados os conteúdos centrais de uma obra e de suas inter-relações. Freqüentemente, segundo a autora, o produtor ainda mobiliza conteúdos de outras obras que lhe permitam estabelecer comparações e efetuar sua avaliação. Além disso, Machado (no prelo) afirma que o produtor da resenha deve considerar que está se posicionando em relação a uma questão potencialmente controversa, pois outros leitores podem ou poderão ter uma opinião contrária à sua, devendo, portanto, apresentar argumentos convincentes e próprios da esfera acadêmica.

#### DEFININDO O GÊNERO RESENHA ACADÊMICA

Analizando as concepções anteriores de *resenha acadêmica*, podemos entender tanto a *resenha acadêmica* quanto a *resenha crítica acadêmica* como uma ação de linguagem materializada em um texto escrito produzido por um especialista de uma área, e que é publicado em uma revista acadêmica de uma área específica, tendo como destinatários pesquisadores iniciantes e experientes.

Assim, a *resenha acadêmica* seria o gênero que tem como função contextualizar a disciplina na qual a obra se insere; situar o autor da obra resenhada na disciplina em questão; descrever a obra, ressaltando sua estrutura, tornando conhecido um livro recentemente publicado.

Entretanto, no que se refere ao conteúdo da *resenha acadêmica* e da *resenha crítica acadêmica*, com base na definição de resenha informativa e de resenha crítica de Severino (2003), já comentada no início do artigo, fizemos um levantamento em resenhas de três revistas diferentes da área da linguagem, a saber, a revista Linguagem e Ensino, a D.E.L.T.A. e a Linguagem em Discurso, com o propósito de analisar se haveria nas seções destinadas à *resenha* a chamada resenha informativa e a chamada resenha crítica.

A seguir estão alguns trechos das resenhas analisadas, retirados da revista Linguagem e Ensino:

... De qualquer forma, *recomendo* essa obra para todos aqueles que lidam com a linguagem escrita, sejam profissionais ou estudantes, especialmente fonouaudiólogos ou educadores (LAZZAROTTO, 2004).

*Compacto, rico, e ao mesmo tempo apreensível* são características de *Livro e Liberdade* que devem ser salientadas, devido ao caráter filosófico do texto, informação que pode intimidar algum leitor e distanciá-lo, com isso, desta discussão sobre a força deste objeto subestimado por muitos: o livro (ENZ, 2004).

Apesar de Bagno tratar de um assunto recorrente, o autor *inova*, uma vez que mais do que discutir sobre o preconceito lingüístico, *aprofunda o tema* abordando o elitismo que realmente se esconde por trás dele. (MOREIRA, 2004).

*Dentre tantas contribuições* da autora ao ensino de língua materna, Magda Soares *presenteia* seu leitor com mais esta obra, que se torna *ponto de parada obrigatório* para os estudiosos da área (CAMILLO, 2004).

Observamos nesses fragmentos que há a avaliação da obra, seja por meio de adjetivos, seja por meio de outros vocábulos também avaliativos (verbos, substantivos etc.) encontrados no último parágrafo, vocábulos estes que são utilizados para encerrar a resenha.

A seguir apresentamos os trechos retirados do último parágrafo das resenhas do nosso *corpus* de mestrado retiradas da revista D.E.L.T.A., uma das mais antigas e prestigiadas revistas da área de lingüística.

Em conclusão, *mesmo com as ressalvas elencadas acima*, “Corpus Linguistics – Investigating Language Structure and Use” é uma *obra valiosa e indispensável* para lingüistas de *corpus*, estudiosos da linguagem em uso, e curiosos a respeito desta recente e excitante área de investigação, a Lingüística do Corpus (SARDINHA, 1999).

... É um ecletismo revelador das múltiplas faces do estudo da língua em uso e que *vem contribuir de forma substancial* para aumentar o nosso conhecimento das complexas inter-relações entre língua, discurso e sociedade (PAIVA, 1999).

*Merecem os parabéns* os organizadores, Branca Telles Ribeiro e Pedro M. Garcez, ambos professores e pesquisadores brasileiros com projeção internacional, pela *brilhante idéia* de olhar para uma área carente no Brasil e se empenhar na tarefa de suplementá-la (OSTERMANN, 1999).

... Difícilmente encontraremos alguém que tenha lidado, em lingüística, com tanta variedade de assuntos, e que o tenha feito com *tanta competência*. Nesse sentido, o volume resenhado faz justiça ao trabalho de Labov (OLIVEIRA, 1999).

Nas resenhas analisadas da revista D.E.L.T.A., observamos também no último parágrafo conclusivo vários vocábulos avaliativos, assim como nas resenhas da revista Linguagem e Ensino. A seguir exemplificaremos com fragmentos de resenhas da revista Linguagem em Discurso.

A presente obra constitui-se em uma *importante contribuição* para os estudos de gênero textual. Há *propostas claras e interessantes* sobre o ensino de gêneros e *reflexões relevantes* que abordam questões inexplicadas pelos estudiosos da área (FERREIRA, 2005).

Como se pode notar, essa obra representa uma *leitura indispensável* para os profissionais que trabalham com o ensino de línguas, pois *contribui* para uma reflexão sobre a atual situação lingüística do inglês ao redor do mundo (NASCIMENTO; GARCIA, 2005).

Ao retratar a pluralidade e complexidade de processos de letramento e formação docente, esta coletânea é uma *contribuição preciosa e inspiradora*, coerente com as múltiplas variáveis envolvidas nas práticas sociodiscursivas em jogo no processo de ensino/aprendizagem de línguas (REICHMANN, 2005).

Os autores da obra “Leitura: múltiplos olhares” tomaram partido por uma *reflexão séria, consistente, comprometida* com a heterogeneidade constitutiva da linguagem e com olhares possíveis sobre a leitura, em um diálogo profícuo entre orientações teóricas (NETTO; GALLI, 2005).

Nesses fragmentos retirados das resenhas da revista Linguagem em Discurso, observamos também que os resenhistas concluem suas resenhas com muitos vocábulos avaliativos que deixam claro se a obra resenhada deve ou não ser lida. Observamos, ainda, nas resenhas analisadas que todas as avaliações foram positivas.

## CONCLUSÃO

Observamos que, a partir das resenhas analisadas das revistas D.E.L.T.A., Linguagem em Discurso e Linguagem e Ensino, todas da área da linguagem, nas seções em que se publica o que se chama de *resenha*, que esta corresponderia, de acordo com a distinção de Severino (2003), na verdade, ao gênero *resenha crítica*, já que são textos que descrevem e avaliam a obra resenhada. Ademais, levantamos a hipótese de que não haja na área da linguagem somente resenha informativa conforme a distinção de Severino (2003), pois os autores encerram a resenha fazendo algum comentário, geralmente positivo, da obra, ou seja, avaliando-a. Além disso, a linguagem é permeada de índices avaliativos que estão impregnados no texto. Todavia, faz-se necessário mais estudo em outras resenhas de outras revistas da mesma área e de outras áreas para analisar se há resenhas que visam mais ao informativo, sem fazer a avaliação explícita da obra resenhada.

Partimos do pressuposto de que é necessário deixar mais claro para os alunos qual o objeto específico de ensino que queremos enfocar, sendo necessária, desse modo, a compreensão de determinado gênero; no caso específico, o gênero resenha acadêmica.

## RESUMO

Este trabalho tem com objetivo fazer um estudo sobre o gênero resenha, buscando uma melhor definição para a chamada *resenha* e a *resenha crítica*, pois percebemos que há, na comunidade acadêmica, dificuldades para identificá-las e classificá-las. Para tal estudo, buscamos diferentes autores que tem trabalhado com este gênero.

**Palavras-chave:** *gênero; resenha acadêmica; produção de textos.*

## ABSTRACT

This paper aims to study the genre known as *review* in an attempt to provide a more adequate definition to both *review* and *critical review* as it is often difficult for the academic community to conceptualize and classify them. This work examined different studies that have investigated this genre

**Key-words:** *genre; academic review; text production.*

## RESENHAS CITADAS

- Berber Sardinha, A. (1999) Resenha de *Corpus Linguistic – Investigating language structure and use* por D. Biber et alli. DELTA, São Paulo, v.15:1.
- Camillo, L. (2004). Resenha de *Alfabetização e letramento* por Soares, M. Linguagem e Ensino, Pelotas, vol. 7, nº 2.
- Enz, A. (2004). Resenha de *Livro e Liberdade* por Cânfora, L. Linguagem e Ensino, Pelotas, vol. 7, nº 2.
- Ferreira, M. M. (2005) Resenha de *Gêneros textuais: reflexões e ensino* por Karwoski, A.; Gaydeczka, B. & Brito, K.S. Linguagem em Discurso, SC, vol.6.
- Lazzarotto, C. (2004). Resenha de *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita. Questões clínicas e educacionais* por Zorzi, J., Linguagem e Ensino, Pelotas, vol. 7, nº 2.
- Moreira, R. (2004). Resenha de *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira* por Bagno, Marcos. Linguagem e Ensino, Pelotas, vol. 7, nº2.
- Nascimento, K.H. & Garcia, M. A. (2005). Resenha de *A geopolítica do inglês* por Lacoste, Y. Linguagem em Discurso, SC, vol.6
- Netto, A.D.S. & Galli, F.C.S. Resenha de *Leitura: múltiplos olhares*. Linguagem em Discurso, SC, vol.6.
- Oliveira, M.A (1999). Resenha de *Towards a social science of language – papers in honor of William Labov Volume 1: Variating and change in language and society* editado por G. Guy et alli.. DELTA, São Paulo, v.15:2.
- Ostermann, A. C. (1999). Resenha de *Sociolinguística interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso* organizado por B.T. Ribeiro & P.M. Garcez. DELTA, São Paulo, v.15:2.
- Paiva, M. C. (1999). Resenha de *Towards a social science of language. V2: Social interaction structure* editado por F. Guy et alli.. DELTA, São Paulo, v. 15:1.
- Reichmann, C. (2005). Resenha de *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber* por Kleiman, A. & Matêncio, M.L. Linguagem em Discurso, SC, vol.6.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Antonia Dilamar. Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews. Florianópolis, 1996. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Resenha crítica acadêmica: relações entre termos específicos e não específicos*. Trabalho apresentado no Congresso Nacional da ABRALIN, 21., 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. 8. ed. Tradução de: Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1929-1997.
- \_\_\_\_\_. Estética da criação verbal. Tradução de: Maria Ermantina G. G. Pereira São Paulo: Martins Fontes, 1979-2000.

- BEZERRA, Benedito Gomes. *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas*. Ceará, 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade Federal do Ceará, 2001.
- BRONCKART, Jean-Paul. *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. 2. ed. Tradução de: Anna Rachel Machado. São Paulo: EDUC, 1997-2003.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. *Pour un enseignement de l'oral – initiation aux genres formels à l'école*. Paris: ESF (Collection Didactique du Français), 1998.
- FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto*. São Paulo: Ática, 1990.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris: Le Seuil, 1981.
- KOCH, Ingodore G. Villaça. *O texto e a construção de sentido*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MACHADO, Anna Rachel. Revistando o conceito de resumos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- \_\_\_\_\_. Seminário de práticas de análises: os textos dos alunos como índice para avaliação das capacidades de linguagem. In: COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DE DISCURSO, 3., Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG. No prelo.
- MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília. *Resenha*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2002.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas, 1991.
- MOTTA-ROTH, Désirée. *Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics*. Florianópolis, 1995. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.
- \_\_\_\_\_. Termos de elogio e crítica em resenhas acadêmicas em lingüística, química e economia. *Intercâmbio*, n. 6, p. 793-813, 1997.
- \_\_\_\_\_. A visão de editores sobre o gênero resenha acadêmica. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 7, p. 135-144, 1998.
- MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Habuske. Capítulo 4: Artigo acadêmico – revisão da literatura. In: MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Princípios básicos: redação acadêmica*. Santa Maria, RS: Laboratório de Leitura e Redação, Universidade Federal de Santa Maria, 2003.
- MUNIZ-OLIVEIRA, Siderlene. *Os verbos de dizer em resenhas acadêmicas e a interpretação do agir verbal*. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) - LAEL/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- SWALES, John. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.